

CARTOGRAFIA COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Carlos Marclei Arruda Rangel; Marcella Ramos Constantino; Natália Paiva de Souza dos Santos; Isabely Cândida Carvalho Santos; Daniel Luiz Poio Roberti.

UFF – carlosmarclei@id.uff.br; UFF - marcella_constantino@hotmail.com; UFF - n_paiva@ymail.com;
UFF – isabely_cs@hotmail.com; Universidade Federal Fluminense – daroberti@yahoo.com.br

Resumo: A pesquisa se propôs a abrir “frentes de diálogos” com as áreas temáticas dos estudos sociais da infância, educação, psicologia do desenvolvimento, cartografia e geografia escolar. Os estudos sociais da infância e o construtivismo pedagógico reconhecem, entre outras coisas, o protagonismo do sujeito na formação da sua trajetória pelo conhecimento. O projeto pesquisou propostas metodológicas e curriculares que discutissem formas de mapear o espaço da/pela criança. O espaço selecionado para o mapeamento foi a Pré-escola. É um espaço coletivo, frequentado por pais, alunos, professores e funcionários. Com a participação de todos os citados, desenvolvemos uma metodologia de pesquisa e de formação de docentes e discentes em cartografia e construímos o mapa sobre a vivência da pré-escola. O Mapa da vivência entende crianças, adultos e espaço como algo imbricado, uma metodologia que busca representar o conjunto de relações socioafetivas e espaciais entre os frequentadores (professores, funcionários e crianças) e a própria pré-escola.

Palavras-chave: Cartografia, Geografia, Crianças, vivência e Educação Infantil.

Introdução

A pesquisa se propôs a abrir “frentes de diálogos” com as áreas temáticas dos estudos sociais da infância, educação, psicologia do desenvolvimento, cartografia e geografia escolar. Os estudos sociais da infância e o construtivismo pedagógico reconhecem, entre outras coisas, o protagonismo do sujeito na formação da sua trajetória pelo conhecimento.

O projeto pesquisou propostas metodológicas e curriculares que discutissem formas de mapear o espaço da/pela criança. O espaço selecionado para o mapeamento foi a Pré-escola que é um espaço coletivo frequentado por pais, alunos, professores e funcionários. Com a participação de todos os citados, desenvolvemos uma metodologia de pesquisa e de formação de docentes e discentes em cartografia e construímos o mapa sobre a vivência das crianças na pré-escola. O mapa da vivência entende crianças, adultos e o espaço como algo imbricado, uma metodologia que busca representar o conjunto de relações socioafetivas e espaciais entre os frequentadores (professores, funcionários e crianças) e a própria pré-escola.

A educação infantil no Brasil foi subvalorizada pelas pesquisas acadêmicas até meados do século XXI. Um dos motivos para este fato pode ser explicado pelo tipo de público preferencialmente atendido pelas creches e jardins de infância brasileiros: as classes populares (NUNES, 2013).

A concepção que mais norteava as políticas estatais para a creche no Brasil era a de caráter assistencialista, cujo princípio é o de “suprir as necessidades básicas (alimentação, saneamento e medicalização) das classes operárias e das famílias desvalidas” (REIS, 2003, p. 85).

A concepção assistencialista de educação infantil no Brasil acabou marginalizando os atores sociais que mais participam desses espaços. Professores e alunos se tornaram reféns das políticas normativas do Estado.

Desde a década de 80 do século passado, a categoria dos profissionais da educação infantil participa mais ativamente das propostas curriculares do Estado, com criação de fóruns de debates sobre o tema e participando de programas de pós-graduação e de formação continuada de professores.

O nosso projeto se alinha a este atual cenário de politização e profissionalização da categoria do educador da infância, entendendo que creches e pré-escolas também podem se tornar espaços para o debate, trocas de experiências e produção do conhecimento.

O projeto busca valorizar a experiência dos professores da educação infantil e suas relações com o espaço da pré-escola na rede municipal de Angra dos Reis. Priorizamos a participação dos professores da Creche e Pré-escola que ficam próximos das intermediações da Universidade Federal Fluminense. O referencial teórico-metodológico do projeto também buscou valorizar a participação ativa das crianças atendidas pela pré-escola, sede da pesquisa nas diversas fases do projeto. É uma mudança de paradigma que pode contribuir para a formação de uma infância cidadã, plenamente consciente dos seus direitos e deveres.

Percebe-se que é importante construir uma prática pedagógica fundamentada teoricamente e voltada aos interesses do aluno, seja ele criança, jovem ou adulto, para que possamos romper com a educação bancária (FREIRE, 2011) e tradicional. Ter sensibilidade e respeito à fala do aluno e a articulação dos conteúdos a realidade da turma.

Comprometer-se com os objetivos, planejamento, avaliação e metodologia adotada. A prática docente implica em saber colocar-se profissionalmente diante os desafios submetidos, participar da vida política, questões sociais da escola e problemática do aluno. Buscar ser criativo e inovador, se comprometendo com a competência técnica obtida pelo estudo, pesquisa e constante atualização.

A pesquisa se propôs fomentar o debate sobre a área da Geografia no currículo para as séries iniciais, alinhado as discussões mais recentes sobre os temas da alfabetização cartográfica (SIMIELLI, 1996) e graficacia

(LESSAN, 2011). Alguns estudos do campo demonstram a relevância dos mapas como forma de registros espaciais da humanidade e o desenvolvimento de competências cognitivas (LOPES, 2012; PAGANELLI, 1982).

A partir dos estudos de Simielli (1996) a despeito de algumas pesquisas da área que apresentaram resultados satisfatórios no que diz respeito ao desenvolvimento espacial de crianças do Ensino Fundamental I, defendemos que as crianças da Pré-Escola 1 e 2, com a faixa etária entre 4 a 6 anos de idade, conseguem construir a noção euclidiana de espaço. Assim sendo, podem compreender as representações espaciais de uma planta baixa. Portanto, para este projeto tínhamos o objetivo de pesquisar e elaborar propostas metodológicas que discutissem formas de mapear o espaço da/pela criança, a construção da percepção vertical e horizontal, elaboração do mapa vivencial, relações topológicas, noções de território, lugar e paisagem, no âmbito escolar e comunitário.

Metodologia

Entendendo que toda metodologia é formada por um conjunto de técnicas, estratégias e práticas que dão conta de realizar uma pesquisa; elaboramos determinados procedimentos com vistas à implementação da pesquisa:

- Levantamento de artigos, teses e livros que discutissem a cultura da infância através das abordagens da história, sociologia e psicologia da educação;
- Estudo sobre a participação dos conteúdos de geografia e cartografia em meio às propostas curriculares nacionais, estaduais e locais vigentes para a educação infantil;
- Entrada no campo para o desenvolvimento da prática investigativa; coleta e interpretação dos dados sobre os mapas sobre vivência da Pré-escola, campo de pesquisa;
- Discussão sobre os desafios e resultados da pesquisa com a participação dos seus principais beneficiários (professores, alunos da pré-escola atendida).

As estratégias metodológicas que mais se adequaram ao nosso projeto foram à análise documental e a pesquisa qualitativa com o uso das entrevistas. A pesquisa documental segue uma abordagem que se orienta para as fontes, no qual o material de consulta sobre as diferentes concepções de infância e de geografia no currículo da educação infantil suscitaram questões que a pesquisa buscou discutir (DUFFY, 1998).

O levantamento de bibliografia sobre os referidos temas foi realizado com a participação dos envolvidos na pesquisa. Montamos

um grupo de trabalho que apresentou os principais textos, encaminhamentos e registros das discussões.

A imersão no campo, ou seja, a realização das atividades de elaboração dos mapas sobre as vivências com os professores e as crianças foram feitas a partir da permissão da direção da escola e da aceitação dos professores, crianças e respectivos responsáveis, seguindo o conjunto de normas de desenvolvimento das pesquisas com crianças pequenas. (CORSARO, 1997).

O projeto seguiu os direcionamentos de uma pesquisa qualitativa, porque concordamos que o perfil desta pesquisa evoca um paradoxo científico que “consiste em interrogar um ser singular quando as ciências sociais se interessam pelo coletivo. O indivíduo é interrogado quando representante de um grupo social” (ALBARELLO *et al*, 1995, p.85).

Professores e alunos da Pré-escola foram entrevistados em todas as etapas de elaboração dos mapas e demais atividades que trabalham a visão vertical, horizontal, relação topológica, questões de território, espaço, lugar e paisagem.

Primeira atividade prática visava facilitar o desenvolvimento espacial da criança. Fizemos passeios na creche e no bairro da mesma, com o intuito de construirmos mapas topológicos com o reconhecimento dos tipos de perspectivas espaciais (LESSAN, 2011; PAGANELLI, 1982; SIMIELLI, 1996). Os alunos tiraram fotos dos espaços visitados e os representaram através de desenhos. Depois, apresentamos a imagem da creche, a partir do *google maps*. O objetivo dessas atividades foi discutir a mudança da perspectiva visual do espaço (visão horizontal/vertical da realidade). Elas facilitam o desenvolvimento da metodologia dos mapas sobre as vivências.

A segunda fase da pesquisa se preocupou com as formas de registrar os usos dos espaços da pré-escola, sede da pesquisa, pelas crianças. A prática dos mapas sobre as vivências trabalha com a colocação de pranchas de papel vegetal sobre o mapa oficial da creche para que as crianças, funcionários e professores desenhem suas vivências, criando mapas autorais. Os pesquisados representam o que é mais significativo no espaço da creche para eles.

A terceira fase é a da realização das entrevistas. Os entrevistados serão convidados a descrever os seus desenhos. O pesquisador irá interrogar os alunos, funcionários e professores para tentar descobrir o porquê das escolhas de suas representações.

Última fase, avaliação e discussão dos dados obtidos (desenhos e gravações) com os participantes da metodologia de pesquisa com o

intuito de selecionar falas e representações que vão estar presentes no mapa vivencial da creche. A ideia é que todos os participantes da pesquisa (professores, funcionários e alunos das duas instituições) debatam formas de representar o mapa vivencial da creche.

A metodologia dos mapas foi desenvolvida a partir da colagem de figuras geométricas que representam os espaços; construção de maquete da creche e da sala de aula; tour dentro e fora da creche, interagindo com a comunidade escolar e local, desenhos dos espaços da creche, sala de aula, casa; elaboração de texto coletivo e diálogos sobre a história da creche, o que gostam e não gostam; produção do mapa sobre a vivência com a visão vertical da creche e sala de aula com auxílio da maquete, entre outras atividades em que desde corpo docente, gestão e funcionários de apoio e infraestrutura participaram, apresentando seus espaços, o que fazem em cada um deles etc.

Esta metodologia não está pronta, mas em constante movimento de transformação, pois os professores participam das atividades e são convidados a repensar as propostas, analisando e refletindo as práticas com autonomia na elaboração e/ou alteração dos planos de aula.

Gostaríamos de ressaltar que esses usuários são protagonistas e não coadjuvantes no processo de apropriação do espaço da pré-escola e o nosso tipo de metodologia reconhece a condição cultural do sujeito, ou seja, independente da faixa etária, classe social e gênero, todos são produtores de espaço e estão influenciados nesta relação.

A pesquisa preocupou-se com as formas de registrar os usos dos espaços da Pré-escola pelas pessoas que lá habitam. A metodologia dos mapas sobre as vivências trabalha com produção do mapa da creche para que as crianças, funcionários e os professores desenhassem suas vivências, criando mapas autorais. Os pesquisados representaram o que é mais significativo no espaço da creche para eles.

Na entrevista os entrevistados foram convidados a descrever os seus desenhos, fazemos a sondagem com cada aluno, funcionário e professor para tentar descobrir o porquê das escolhas de suas representações.

A avaliação e discussão dos dados obtidos (desenhos e gravações) com os participantes da pesquisa tem o intuito de selecionar falas e representações que vão estar presentes no mapa. A ideia é que todos os participantes da pesquisa (professores, funcionários e alunos das duas instituições) dialoguem formas de representar o mapa sobre as vivências da creche.

Resultados e Discussão

O projeto de pesquisa e extensão se enquadra teoricamente no campo dos estudos contemporâneos da infância. Durante todo século XX, a literatura científica compreendia a criança “como uma categoria genérica, um modelo ideal discutido em termos do desenvolvimento biológico. A partir de perspectivas filosóficas, da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise, a criança vinha sendo estudada fora de um contexto social e de uma estrutura social” (TIBET, 2013, p. 15).

Os estudos sociais da infância são um campo que surge dos questionamentos direcionados a visão da criança apenas enquanto ser biológico e individual. A nova corrente passa a defender o agenciamento infantil entre as diversas modalidades de constrangimentos e impedimentos sociais (PROUT, 2010). Entendemos agenciamento infantil como formas de oportunizar a participação das crianças em diferentes assuntos, cujo mote principal do debate as envolvam.

Alguns estudiosos do campo (PROUT, 2010; SARMENTO e MARCHI, 2008) interpretam a infância como categoria social em meio às estruturas sociais de coação; como as relações com os adultos, classes sociais e instituições de socialização (igreja, escola entre outras). Os adultos passam a apresentar dois papéis: colaborar com a formação do sujeito infantil, o emancipando ou impedir a valorização e o entendimento das suas práticas sociais (CORSARO, 1997).

A metodologia do projeto buscou problematizar os papéis assumidos pelo adulto e pela criança na pesquisa, a partir de um olhar menos autoritário do primeiro em relação ao segundo. Para isso, apropriamo-nos das discussões advindas do campo da educação sobre o construtivismo pedagógico. Estamos convencidos de que há uma relação entre os estudos sociais da infância e o campo do construtivismo pedagógico, quando este, rechaçando o modelo de ensino tradicional, defende que o aluno (criança) produza conhecimento sobre o mundo. A figura do professor (adulto) é imprescindível nesse debate, porque ele é o responsável por mobilizar uma série de estratégias metodológicas com vistas a facilitar a (des)coberta da realidade pelo aluno.

Feitosa (1999) reconhece que a partir do estudo da realidade podem-se superar as desigualdades sociais, despertando a consciência crítica através da consciência histórica, propondo que os temas geradores da educação surjam da problematização da vida dos educandos, a partir de uma metodologia dialógica, uma relação horizontal, por entender que os sujeitos envolvidos trazem consigo conteúdos necessários dos quais se parte. Ou seja, a prática pedagógica promovendo a participação ativa

do educando, não a transmissão de conteúdos não relacionados ao contexto social. O importante é conhecer o educando e o seu contexto social e de lá traçar os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula (FEITOSA, 1999).

Acreditamos que uma das formas da humanidade se relacionar com o mundo é através do espaço. Mas não é o tipo de espaço fragmentado, congelado e precisamente memorizado pelos alunos das aulas tradicionais de Geografia. O geógrafo Milton Santos (2000) descreve o espaço, apresentando rugos, sem o devido alinhamento geométrico da sua representação no mapa. Os rugos são os movimentos humanos de transformação do espaço que não foram grafados pelo mapa oficial. O mapa é umas das formas possíveis de representação e registro gráfico do espaço. O mapa oficial, produzido por um órgão institucional, generaliza um jeito de representar uma dada realidade espacial.

Um dos métodos utilizados pela cartografia escolar para verificar o desenvolvimento espacial do sujeito é pedir para o mesmo que realize o desenho de um mapa. Alguns pesquisadores chamam essa metodologia de mapa mental (GOODNOW, 1979). A estratégia teórico-metodológica do mapa mental foi desenvolvida com o objetivo de cartografar o mundo humano, fugindo das relações racionalistas que marcavam os diversos campos do conhecimento científico no período entre o final do século XIX e início do século XX. Os principais conceitos dessa teoria são o de espaço vivido (FREMONT, 1976) e o de lugar (TUAN, 1980) que contribuíram para o entendimento do modo como os sujeitos interpretam e internalizam o mundo. Os mapas são analisados e categorizados a partir da intenção de pesquisa do investigador.

Outras possibilidades de entender como o sujeito pensa o mundo surgiram mais ou menos nesse mesmo contexto como é o caso dos mapas narrativos que apresentam como conceito-chave o mundo vivido (SCHUTZE, 2003). Os mapas narrativos, influenciados principalmente pela fenomenologia, fazem parte de uma estratégia de pesquisa também conhecida como etnografia visual em que o procedimento de coleta de dados prevê o uso das técnicas de desenho e narração, simultaneamente, pelo sujeito-alvo do estudo. A forma de tratamento dos resultados se assemelha aos dos mapas mentais cujo pesquisador se torna o responsável pela interpretação e classificação das informações.

Os mapas sobre as vivenciais das crianças se baseiam nos pressupostos da teoria histórico-cultural, principalmente a partir do conceito de vivência que aparece em obras diversas do psicólogo bielorrusso Lev Vigotski (2006a, 2006b, 2009). A teoria-histórico cultural foi desenvolvida na URSS dos anos 30 do

século XX na busca de “(...) reunir num mesmo modelo explicativo, tanto os mecanismos subjacentes ao funcionamento psicológico como a constituição de sujeito e da espécie humana ao longo de um processo histórico-cultural” (OLIVEIRA, 2005, p. 8).

A vivência é um conceito que descontrói a visão do positivismo moderno, porque entende o homem integrado ao contexto histórico e ao meio em que vive. Apesar de assumirmos que o contexto histórico e espacial influencia determinadas escolhas do homem, ressaltamos a total autonomia do mesmo em fazê-las.

Conclusões

A pesquisa, desde o seu início, foi bem recebida pela equipe gestora, de professores, funcionários e alunos da creche. Todos estes sujeitos, cada um há a seu tempo, entenderam que o projeto apresentava uma metodologia diferenciada que discutia o ensino de geografia e cartografia na educação infantil. Apesar de alguns estudos da área (SIMIELLI, 1996), que apresentaram resultados satisfatório no que diz respeito ao desenvolvimento espacial de crianças do ensino fundamental I, defendemos que as crianças da pré-escola, com a faixa etária acima de 5 anos, conseguem construir a noção euclidiana de espaço, portanto, podem entender as representações espaciais de uma planta baixa.

Acreditamos que as crianças dessa geração, independente da classe social, são expostas a imagens de desenhos, jogos de celulares e computadores com as realidades espaciais vistas de cima, o que facilita o desenvolvimento da noção euclidiana, presente em qualquer representação espacial de uma planta, carta ou mapa.

Referências

ALBARELLO, L., FRANÇOISE, D., HIBERNAUX, J., MAROY, C., RUQUOY, D.; SAINT-GEORGES, P. **Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais**. (Baptista, L., trad.). Lisboa: Gradiva, 1995.

CORSARO, William A. **The sociology of childhood**. Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press, 1997.

DUFFY, B. Late nineteenth-century popular educational conservatism: the work of coalminers on the school boards of the North-East, **History of Education**, 27 (1) 29-38, 1998.

FEITOSA, S, C, S. **Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. 1999. Dissertação (mestrado) – FE-USP.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRÉMONT, Armand. **La région, espace vécu**. Presses universitaires de France, 1976.

GOODNOW, Jacqueline. **Desenho de crianças**. Lisboa: Moraes Editores, 1979.

LESSAN, Janine. **Geografia no ensino fundamental I**. BH: Fino Traço, 2011

LOPES, Jader Janer Moreira. Mapa dos cheiros: cartografia com crianças pequenas. **Geografães**, n. 12, p. 211-227, 2012.

NUNES, Deise Gonçalves. Reconhecimento social da infância no Brasil: da menoridade à cidadania. In.: VASCONCELOS, Vera Maria Ramos de (Org.). **Educação da infância: história e política**. Niterói: Editora da UFF, 2003, pp. 107-132.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Educação como Exercício de Diversidade**, p. 61, 2005.

PAGANELLI, Tomoko Iyda. **Para a construção do espaço geográfico na criança**. Dissertação de mestrado. FGV/IESAE, 1982.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. In.: **Cadernos de pesquisa**, v. 40, n.141, p. 729-750, set./dez. 2010.

REIS, Andréia Cardoso. A institucionalização da infância no Brasil republicano. In.: VASCONCELOS, Vera Maria Ramos de (Org.). **Educação da infância: história e política**. Niterói: Editora da UFF, 2003, pp. 85-106.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARMENTO, Manuel Jacinto; MARCHI, Rita de Cássia. Radicalização da infância na segunda modernidade: Para uma Sociologia da Infância crítica. **Configurações. Revista de sociologia**, n. 4, p. 91-113, 2008.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Strukturen der Lebenswelt**. UTB GmbH, 2003.

SIMIELLI, Maria Elena. **Cartografia e ensino – Proposta e contraponto de uma obra didática**. Tese de livre-docência apresentada ao Departamento de Geografia da FFCLH. Universidade de São Paulo, 1996.

TIBET, Gabriela G. de Campos. 1. Os estudos da Criança e os Estudos da Infância. In.: **Isto não é uma criança: Teorias e Métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens**

da Sociologia da Infância de língua inglesa. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. UFSCAR, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Difel, 1980.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas. Tomo IV.** Madri: Machado Libros. 2006a.

_____. **Obras Escogidas. Tomo V.** Madri: Machado Libros. 2006b.

_____. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática, p. 16, 2009.